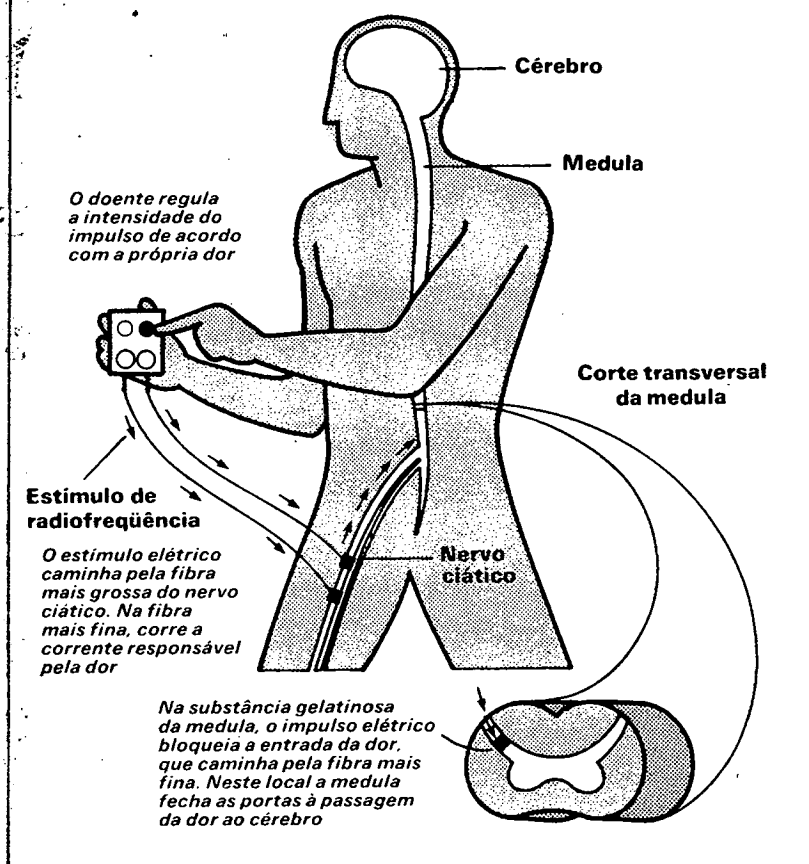


Como se bloqueia a dor

O sistema de operação do estimulador transcutâneo



PAULO NILSON

Aparelho é útil apenas contra dores crônicas

RIO — Sem o uso de aparelhos que transmitem estímulos elétricos, as opções do doente são a cirurgia ou as injeções de analgésicos e antiinflamatórios durante longo período. Mas o equipamento “não é infalível e não serve para todos os tipos de dores”, adverte o neurologista Carlos Telles, diretor da Clínica de Dor do Hospital Universitário Pedro Ernesto, da Universidade Estadual do Rio de Janeiro. O estimulador é eficaz para muitas dores crônicas, que incomodam o paciente no mínimo por seis meses e “devem ser tratadas como doença”, diz Telles.

O aparelho trata com êxito dores provocadas por inflamações dos nervos em diabéticos e pessoas com problemas de cir-

culação sanguínea, além das dores de coluna. Também pode bloquear dores musculares, articulares e nevralgias, além de aliviar o sofrimento provocado por traumatismos, numa queda ou pancada durante um jogo de futebol, por exemplo. O tratamento não serve para dores intensas causadas pelos vários tipos de câncer. “Trata-se de um recurso a mais, muito simples, que funciona muito bem em alguns pacientes e menos em outros”, segundo o anestesiológico Luiz Fernando de Oliveira. Em sua opinião, o aparelho tem a desvantagem de “não oferecer um efeito analgésico uniforme e previsível”. Ele acha que o aperfeiçoamento dessa tecnologia ainda é um desafio.